



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 10 - 24ª Edição - Dezembro de 2017

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/SistemaCNA
instagram.com/SistemaCNA
www.cnabrasil.org.br

NO SUL, SISTEMA SOJA + TRIGO FECHA COM RENTABILIDADE NEGATIVA NA SAFRA 2016/2017

Nos estados produtores do sistema de soja e trigo na região Sul, os resultados obtidos com a boa produtividade da soja não foram suficientes para gerar rentabilidade positiva na safra 2016/2017. No sul o trigo enfrentou problemas com estiagem e chuva na colheita nos três estados, e no Paraná, além da estiagem, geadas atingiram as lavouras praticamente durante os quatro meses de desenvolvimento, impedindo, assim, que as produtividades acima da média colhidas na temporada anterior se repetissem. Além da redução na produtividade, os preços do trigo recuaram, devido à queda da qualidade do grão colhido.

Até a primeira quinzena de novembro, a colheita do trigo estava encaminhando para a etapa final no Sul do Brasil. No oeste do Paraná, as atividades já foram encerradas. Na região de Guarapuava, a área colhida ultrapassou 70% do total plantado. Em Chapecó (SC) e em Carazinho (RS), as atividades também foram finalizadas. Quanto à soja, a safra que teve a colheita finalizada em abril em algumas destas regiões, apresentou produtividades acima da média histórica.

Com base nesse cenário, analisou-se a rentabilidade do sistema soja seguida por trigo em Cascavel (PR), Guarapuava (PR), Carazinho (RS) e Chapecó (SC). Foram calculados o Retorno sobre cada Real desembolsado no Custo Operacional Efetivo (RRCOE) e o Retorno sobre Real investido no Custo Total (RRCT).

Para os cálculos, foram utilizadas produtividades de soja obtidas nos painéis de custo de produção realizados pelo Cepea referentes à safra 2016/2017, e a produ-

tividade estimada para o trigo em 2017. Para a soja, também foram considerados o Custo Operacional Efetivo (COE) e o Custo Total (CT) entre março/2016 e outubro/2016, e os preços de venda de acordo com o período de cada modalidade de negociação. Para a análise do trigo, foram utilizados o COE e o CT entre maio/2017 e agosto/2017 para Cascavel, e entre junho/2017 e agosto/2017 para as demais regiões, além do preço médio da saca do cereal em outubro/2017.

Em Cascavel (PR), considerando-se a produtividade média da soja de 62 sc/ha, ao preço de venda de R\$ 69,38/sc, o COE de R\$ 2.497,67 e o CT de R\$ 4.039,51, o resultado foi de rentabilidade positiva, com o RRCOE de 72% e o RRCT de 6,5%, ou seja, a cultura cobriu os desembolsos nesta safra, pagou as depreciações e remunerou os custos de oportunidade com o capital investido e a terra. Contudo, para o trigo, também em Cascavel, o cenário foi o oposto. Com a produtividade de 33 sc/ha, preço médio de R\$ 32,99/sc, COE de R\$ 1.618,85/ha e CT de R\$ 2.2772,69/ha, as rentabilidades foram negativas, com RRCOE de -33% e RRCT de -61%. Desta forma, no hectare onde foi cultivada a sucessão soja e trigo 2ª safra, o Retorno sobre cada real desembolsado no Custo Operacional Efetivo (RRCOE) ainda foi positivo, em 31%. Porém, o Retorno sobre cada Real investido no Custo Total (RRCT) foi negativo em 21%, o resultado mais baixo considerando-se todos os sistemas analisados.

Em Guarapuava (PR), os resultados para a soja também foram positivos. A produtividade média na região foi de 70 sc/ha, e o preço médio de venda, de R\$ 63,58/sc. Esta receita, sobre o COE, de R\$ 2.576,80/

ha, e o CT, de R\$ 4.428,86, gerou RRCOE de 73% e RRCT de 0,5%. Já para o trigo, que teve produtividade média de 47 sc/ha, preço médio de R\$ 33,19, COE de R\$ 1.754,56/ha e CT de R\$ 2.351,17/ha, o RRCOE foi de 11% negativo e o RRCT de 45% negativo. Desta forma, o RRCOE do sistema ainda foi positivo em 39%, por conta dos resultados da soja; porém, o RRCT chegou a -12%.

Em Carazinho (RS), novamente a soja trouxe bons resultados. Com produtividade média de 71 sc/ha, comercializado a um preço médio de R\$ 63,30/sc, com COE de R\$ 2.762,18/ha e CT de R\$ 4.351,63/ha, o RRCOE foi de 63% e o RRCT de 3,3%. Por outro lado, quanto ao trigo, apesar de a cultura apresentar o melhor resultado dentre as regiões analisadas, a cultura de inverno não gerou rentabilidade. Com produtividade média de 50 sc/ha, preço médio de R\$ 29,71/sc, COE de R\$ 1.567,66/ha e CT de R\$ 1.986,15/ha (custos mais baixos dentre as regiões analisadas), o RRCOE foi de -5% e o RRCT, de -32%. Portanto, como nas demais praças, a área cultivada com o sistema obteve RRCOE positivo em 38%, mas RRCT de -6%.

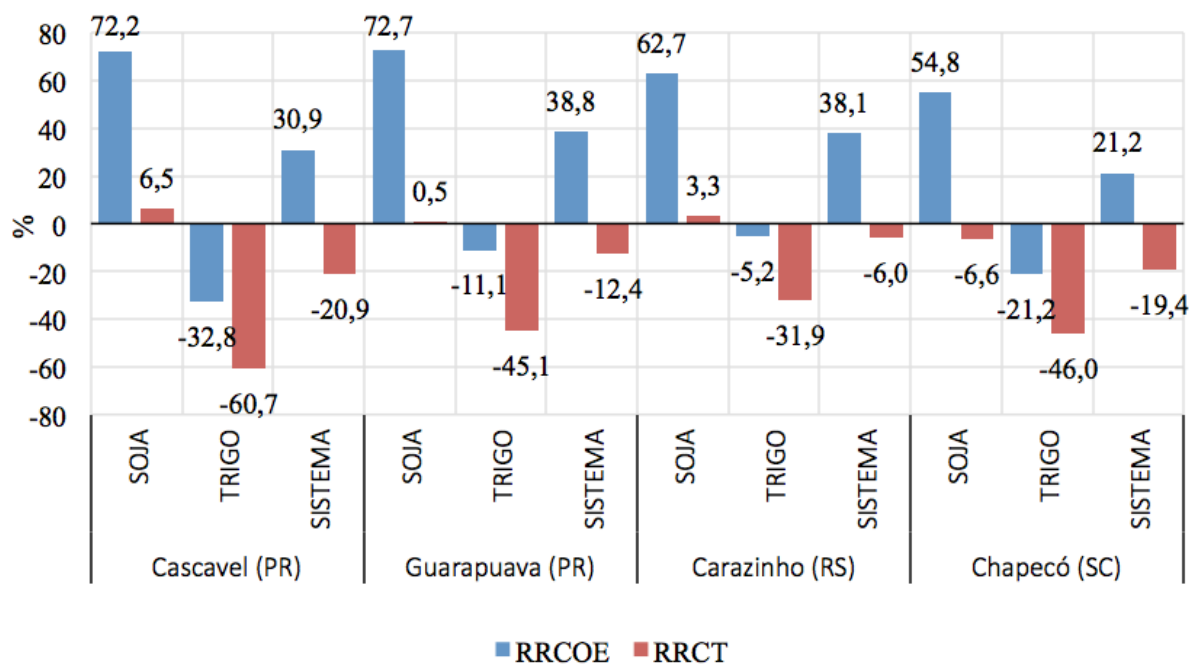
Por fim, em Chapecó (SC), devido ao elevado custo de arrendamento da terra, nem mesmo a soja obteve lucratividade. Com base na produtividade média da oleaginosa, de 65 sc/ha, preço médio de R\$ 66,15/sc, COE de R\$ 2.777,96/ha e CT de R\$ 4.605,01/ha, o RRCOE foi de 55%, mas o RRCT fechou em -6,6%. Para o trigo, mesmo com a melhor produtividade dentre as regiões analisadas (55 sc/ha), o resultado também foi negativo. Com valor médio de R\$ 31,49/sc, COE de R\$ 2.197,68/ha e CT de R\$ 2.743,58/ha, o RRCOE foi de -21% e

o RRCT, de -46%. Para o sistema soja seguido de trigo 2ª safra, a RRCO ainda foi positivo em 21%; entretanto, o RRCT foi mais uma vez negativo, em -19%. Dessa forma, o resultado econômico do sistema

de soja mais trigo não ficou positivo em nenhuma das regiões avaliadas, tendo a soja que completar até mesmo a receita do trigo para pagar o custo operacional do cereal. Contudo, como a região Sul

passou por problemas de produtividade, existe a possibilidade que os produtores acionem o PROAGRO para saldar os desembolsos do trigo.

Figura 1. Retorno por cada real desembolsado (RRCO) e investido (RRCT) na soja, trigo e no sistema soja seguido de trigo em Cascavel (PR), Londrina (PR), Carazinho (RS) e Chapecó (SC) na safra 2017/18 da soja e 2017 do trigo



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP

PLANTIO DO MILHO 2ª SAFRA SEM ADUBO DE BASE PODE MELHORAR MARGEM DO PRODUTOR EM SOLOS COM ESTOQUE DE FERTILIZANTES

O cenário de tomada de decisão de plantio do milho de segunda safra até outubro de 2017 esteve bastante complexo para agricultores brasileiros. Com os preços do cereal ainda baixo frente ao início da safra passada e a sinalização de rentabilidade limitada, produtores podem não realizar a adubação de base da cultura, aproveitando, assim, o estoque de nutrientes de adubações anteriores já presente no solo. Além disso, os preços médios dos fertilizantes em outubro estiveram em alta quando comparados aos do início do ano de 2017, e o semeio da soja demorou para começar, o que pode atrasar o início do cultivo do milho de segunda safra, podendo limitar a produtividade do cereal.

Assim, considerando-se os custos de produção e os preços de venda do milho em outubro/2017, é possível ter ideia do im-

pacto que a restrição de adubos de base pode trazer para a cultura em termos de rentabilidade. As simulações de custos mostram que a retirada da adubação no semeio, mas mantendo a adubação de cobertura (aplicando ureia ou sulfato de amônio) seria suficiente para reduzir a produtividade de nivelamento e atrair margens positivas para o milho de 2ª safra em Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. Para as análises, foram consideradas produtividades médias de cada região de acordo com a série histórica do Cepea. O estudo é válido para áreas que já têm histórico de adubação constante e com acúmulo de fertilizantes fosfatados e potássicos.

Em Rio Verde (GO), com base no preço médio de venda de R\$ 22,36/sc em outubro, a produtividade de nivelamento

para cobrir o COE (de R\$ 2.212,45/ha) foi de 98,95 sc/ha, considerando-se a recomendação de adubação completa. Sem a adubação de base, a produtividade de nivelamento recuou 13%, chegando a 86,24 sc/ha, o que ampliaria a margem do milho de 2ª safra de 11 sc/ha para 23,8 sc/ha tomando por base uma produtividade média de 100 sc/ha.

Em Sorriso (MT), onde o cereal foi negociado a R\$ 15,43/sc, em média, a produtividade de nivelamento para cobrir o COE, de R\$ 1.717,35/ha, foi de 111,3 sc/ha, acima da média produtiva da região, de 110 sc/ha. Com o corte da adubação de base, a produtividade de nivelamento na praça mato-grossense caiu 9%, para 101,80 sc/ha, viabilizando a cultura, que estava com margem negativa, e passou a ter 8,2 sc/ha de margem positiva caso colha 110 sc/ha.

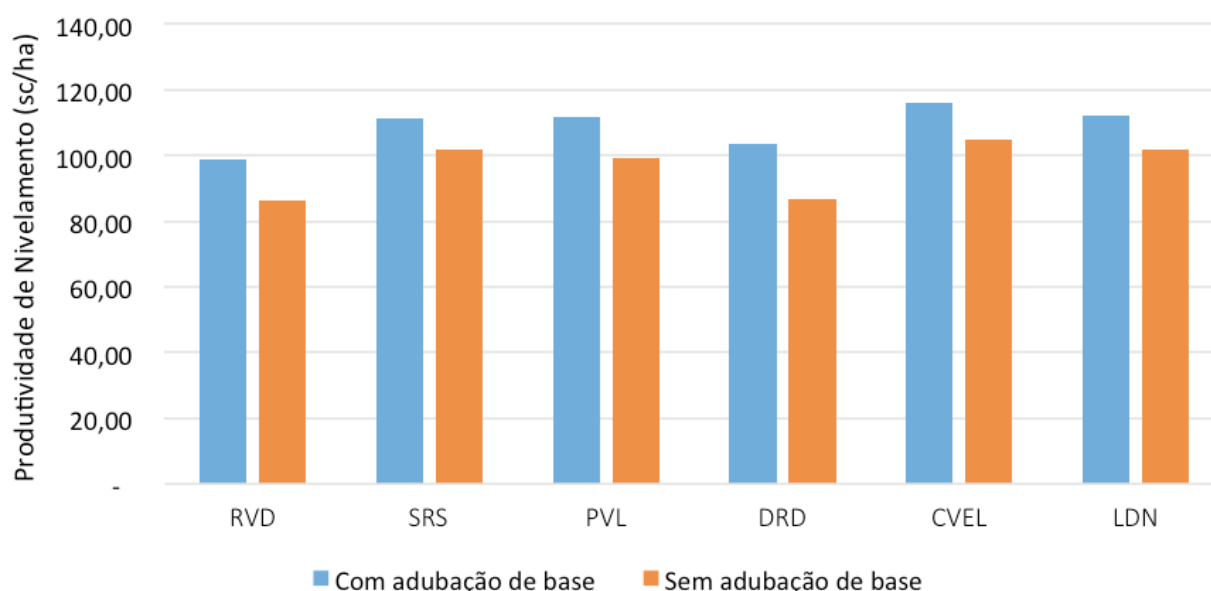
Na região de Primavera do Leste (MT), o COE foi de R\$ 1.944,36/ha, e o preço do milho, de R\$ 17,39/sc; assim, o corte na adubação de base reduziu em 11% a produtividade de nivelamento, que passou de 111,81/ha para 99,24 sc/ha, viabilizando novamente a cultura, que apresentava margem negativa de 1,8 sc/ha, considerando produtividade média de 110 sc/ha, e passou a ter margem positiva de 10,76 sc/ha. Em Dourados (MS), o corte na adubação de base pode trazer o melhor resultado dentre as praças analisadas. Considerando-se o manejo original, o COE foi de R\$ 1.831,44/ha, equivalente

à produtividade de nivelamento de 103,4 sc/ha, com o preço médio de venda do milho de R\$ 17,71/sc. Sem a adubação de base, a produtividade de nivelamento caiu 16%, chegando a 86,9 sc/ha. Nesse cenário, a margem, que era negativa em 13,4 sc/ha com produtividade média simulada de 90sc/ha, passou a ser positiva em 3,1 sc/ha.

Nas praças paranaenses de Cascavel (PR) e Londrina (PR), o corte na adubação de base reduziu em 9% a produtividade de nivelamento. Em Cascavel, onde a produtividade de nivelamento foi de 115,96

sc/ha para pagar o COE de R\$ 2.454,84/ha, a um preço médio de R\$ 21,17/sc para o milho, o corte na adubação de base resultou em margem positiva de 5 sc/ha, com produtividade média projetada de 110 sc/ha. Em Londrina, o COE foi de R\$ 2.354,15/ha, o que exigiu produtividade de nivelamento de 112 sc/ha para um preço médio do milho de R\$ 21,01/sc. Assim, a margem negativa foi de 12,05 sc/ha em relação à produtividade média simulada de 100 sc/ha. Cortando o adubo de base, a produtividade de nivelamento caiu para 101,97 sc/ha; ainda com margem negativa de 1,97 sc/ha.

Figura 2. Produtividade de nivelamento para os custos e produtividades simulados de milho segunda safra (2017/18) com e sem o uso de adubação de base em Rio Verde (GO) – RVD, Sorriso (MT) – SRS, Primavera do Leste (MT) – PVL, Dourados (MS) – DVD, Cascavel (PR) – CVEL em Londrina (PR) – LDN



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP

APESAR DE ALTA DOS FERTILIZANTES, RELAÇÃO DE TROCA POR MILHO ESTÁ MAIS FAVORÁVEL EM OUTUBRO AO PRODUTOR NA MAIORIA DAS PRAÇAS

Em outubro, devido à diminuição na oferta de matérias-primas no mercado doméstico, as cotações dos adubos estiveram mais elevadas frente ao mês anterior, cenário que atrapalhou as negociações de fertilizantes para o milho de segunda safra. No entanto, a recente recuperação nos preços do milho (alta na média das regiões de 13%) permitiu que, em out/2017, a relação de troca entre os fertilizantes (cloreto de potássio – KCl,

ureia e MAP) e o cereal ficasse favorável ao produtor de grãos na maioria das praças analisadas.

Com relação à ureia, em Sorriso (MT), para adquirir uma tonelada do nitrogenado foram necessárias 93,54 sacas do cereal em outubro, enquanto o volume foi de 108,57 sacas no mês anterior. O mesmo comportamento foi observado em Rio Verde (GO), onde foram necessá-

rias 59,14 sacas em outubro, 1,80 saca a menos que em set/2017. Já em Primavera do Leste (MT) e Cascavel (PR), o produtor teve que disponibilizar 0,76 e 0,42 saca a menos, respectivamente, no mesmo período.

Uberaba (MG) e Londrina (PR) foram as únicas praças avaliadas para a ureia que precisaram de mais milho para comprar uma tonelada de fertilizantes. Na região

mineira, foi necessária 0,79 saca a mais entre setembro e outubro, totalizando 57 sacas no mês passado. Já na paranaense a relação de troca se mostrou desfavorável ao produtor de milho, passando de 58,83 sacas em setembro/2017 para 65,52 sacas em outubro. Esta piora na relação de troca em Londrina (PR) se deve ao fato de o preço da ureia na região ter subido de forma mais expressiva que nas demais.

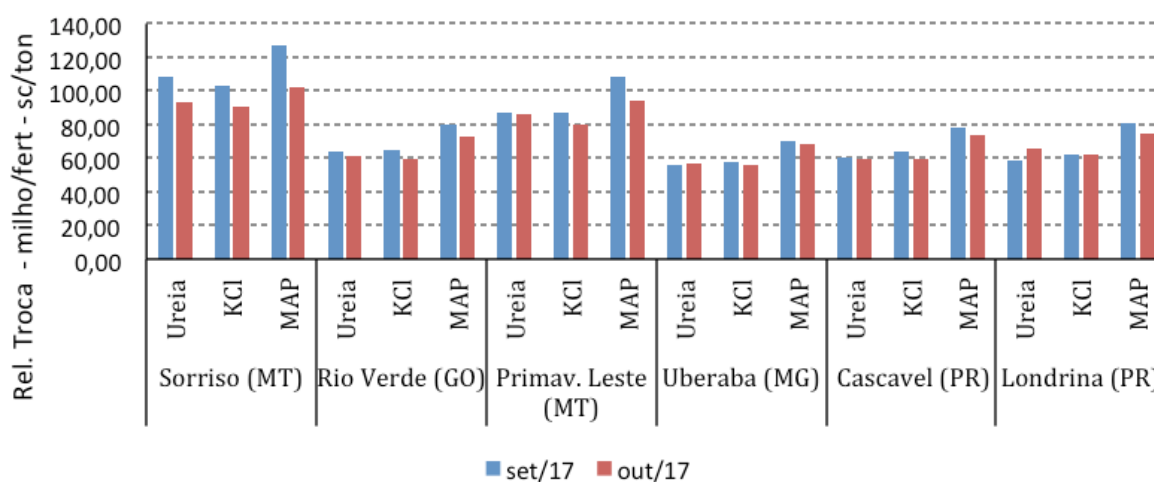
Para o KCl, a relação de troca esteve mais favorável em todas as regiões. Em Sorriso (MT), eram necessárias 102,94 sacas em setembro/2017 e, em outubro, 90,62 sacas. Já na praça goiana, para obter uma tonelada do potássico, foram necessárias 5,75 sacas a menos em outubro na comparação com setembro, totalizando 59,14

sacas. Em Primavera do Leste (MT), a diminuição foi de 7,29 sacas, passando de 87,06 em set/2017 para 79,77 no mês seguinte. Na região paranaense de Cascavel (PR), o recuo foi de 4,50 sacas, passando de 64,34 em setembro, para 59,84 em outubro. Em Uberaba (MG), o número de sacas de milho para comprar uma tonelada de fertilizante foi de 57,51 em setembro/2017 contra 56,04 em outubro/2017. Em Londrina (PR), por sua vez, registrou-se a queda menos acentuada em outubro, foi necessária 0,22 saca a menos do que em setembro (62,32 sacas).

Quanto à tonelada do MAP, em Sorriso (MT), o recuo da relação de troca foi de 25,37 sacas, passando de 127,50 (set/2017) para 102,13 (out/2017). Em

Rio Verde (GO), foram necessárias 72,81 sacas em outubro, frente a 80,06 sacas em setembro. Já em Primavera do Leste (MT), para adquirir uma tonelada do adubo, o produtor precisou dispor de 93,99 sacas em outubro/2017, 14,60 sacas a menos que no mês anterior. Na região mineira de Uberaba (MG), para adquirir uma tonelada do adubo eram necessárias 70,44 sacas do cereal em setembro/2017 frente às 68,70 sacas em outubro/2017. Nas regiões paranaenses, a relação de troca também se mostrou favorável ao produtor. O volume de sacas a menos entre setembro e outubro foi de 4,62 (em Cascavel) e de 6,32 (em Londrina), totalizando 73,97 e 74,30 sacas, na mesma ordem.

Figura 3. Relação de troca da saca de milho pela tonelada de ureia, KCl e MAP, entre setembro/2017 e outubro/2017 nas regiões de Sorriso (MT), Rio Verde (GO), Primavera do Leste (MT), Uberaba (MG), Cascavel (PR) e Londrina (PR).



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

APESAR DE ESTIAGEM, PLANTIO DA SAFRA 2017/2018 ESTÁ QUASE CONCLUÍDO

O atraso nas chuvas que perdurou até meados de outubro no Brasil prejudicou o início da semeadura da safra de verão 2017/2018 de grãos. Entretanto, com a chegada das chuvas em outubro, produtores precisaram acelerar o cronograma de plantio tanto do milho verão, quanto da soja, para não perder a janela ideal de semeadura. Semeado boa parte em setembro, o milho verão apresentou maiores atrasos que a soja. Vale a ressalva que o atraso no

semeio da soja pode ainda prejudicar o calendário do milho segunda safra.

MILHO VERÃO – A região sudeste do Paraná (Guarapuava e Ponta Grossa) iniciou o plantio do cereal no final de setembro, mais adiantada frente às atividades do oeste (Londrina e Cascavel). Entretanto, para todas as regiões, houve estiagem no início do plantio, que foi amenizada pelo início das chuvas na primeira semana de

outubro, viabilizando o final do plantio. Já em novembro, de modo geral, o clima segue chuvoso e nublado em todas as regiões do Paraná, o que por um lado é positivo pois melhorou a disponibilidade de água no solo, mas por outro vem dificultando o desenvolvimento da cultura pela falta de luminosidade. O mesmo cenário é verificado em Passo Fundo (RS), que também passa por uma instabilidade climática – estiagem na semeadura e chuvas inten-

sas no desenvolvimento. Já em Chapecó (SC), apesar do atraso das precipitações na região, o plantio do milho foi finalizado na janela ideal, e o clima começou a se estabilizar.

SOJA – Na região do Cerrado, o plantio da soja também aconteceu de forma atrasada. As chuvas, assim como no Sul, só se estabilizaram após meados de outubro. Segundo agentes consultados, até a primeira quinzena de outubro, as chuvas, ocorridas foram localizadas na maioria das regiões do Cerrado, o que postergou o semeio da soja em Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Este quadro de atraso e instabilidade no período de chuvas trouxe um agravante. Pois os produtores que optaram por plantar a semente “no pó” ou com ou com condições hídricas abaixo do ideal tiveram que replantar parte das áreas. Segundo o IMEA – Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária, o plantio no estado já atingia 95%, o que representa 4,78 p.p.

a menos que no mesmo período da safra 2016/2017.

Assim, a concentração do plantio no Cerrado pode trazer algumas consequências para os produtores, pois mesmo com estrutura de máquinas suficientes para realizar o plantio em um período curto, as lavouras acabam ficando com idades bem próximas, e em caso de veranico a produtividade de toda a propriedade pode ser comprometida. Outra consequência importante, é que o atraso no plantio da soja pode postergar o plantio do milho safrinha, empurrando-o para fora da janela ótima. Uma consequência já apontada pelos agentes é uma possível redução da área plantada com o cereal principalmente em Mato Grosso.

No Paraná, a semeadura da soja está quase concluída, atingindo 88% na parcial de novembro, segundo dados do Deral/Seab (Departamento de Economia Rural/Secretaria da Agricultura e do

Abastecimento). Na região oeste, Londrina e Cascavel já encerraram o semeio, enquanto em Guarapuava e Ponta Grossa (sudeste do estado), a semeadura, que é mais tardia, tem avançado, mas ainda deve finalizar em novembro. Mesmo com o atraso, o desenvolvimento da safra segue favorável – apesar de os dias estarem bastante nublados em novembro, o clima ainda não tem afetado o desenvolvimento da cultura. Em Chapecó (SC), a semeadura da soja está em 65%, dentro do prazo previsto. Por outro lado, no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, a instabilidade climática ainda preocupa sojicultores, que tem dificuldades de finalizar o semeio que está próximo de 70%. De modo geral, apesar de a soja apresentar cenário positivo, há um alerta para produtores relacionado ao fenômeno *La Niña*, que pode ocorrer entre dezembro e janeiro, ocasionando estiagem e, conseqüentemente, perdas na produtividade. 